

Botando o pingo nos bi's: análise da construção da identidade masculina bissexual de Nicholas Nelson

Guilherme de Souza Cavaggioni¹

Vitor Luiz Neto²

Renata Chrystina Bianchi de Barros³

Fernando César Paulino-Pereira⁴

Resumo: O texto objetiva apresentar, por meio de análise da construção da identidade de um personagem da série televisiva *Heartstopper*, modos de compreender a bissexualidade construída em um homem cisgênero. Decorrente de pesquisa orientada qualitativamente, aborda as temáticas masculinidade e bissexualidade analisando a história de vida do personagem fictício Nicholas Nelson como forma de compreender a construção da identidade bissexual em meio aos conflitos vividos pelo personagem, tendo em vista a contradição imposta socialmente entre a masculinidade e a bissexualidade. Metodologicamente, a análise da história de vida foi realizada a partir das proposições teóricas e analíticas de Ciampa (1987/2005) fundamentada nas perspectivas sobre identidade da Psicologia Social Crítica, que mobiliza o Materialismo histórico-dialético como metodologia de pesquisa, permitindo compreender a identidade como movimento histórico e materialmente construído. Como resultado, o trabalho analítico auxilia para a compreensão de que a bissexualidade confere ao homem cisgênero um não-lugar social. Ademais, aponta para a importância de compreender a sexualidade a partir da psicologia, em especial, de analisar e estudar a sexualidade como um movimento, como construção, em oposição a compreensão estática de uma sexualidade intrínseca ao ser humano.

Palavras-chave: Psicologia Social; Bissexualidade; Masculinidade; Identidade; Sexualidade.

¹ Mestrando em Psicologia Social (Bolsista CAPES). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). E-mail: guilherme.ggioni@gmail.com

² Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (UnB). Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCat). E-mail: vitorluiz.neto@gmail.com

³ Doutora em Linguística, Docente no Departamento de Desenvolvimento Humano e Reabilitação da UNICAMP. E-mail: renatacb@unicamp.br

⁴ Doutor em Psicologia Social. Professor adjunto da Universidade Federal de Catalão. Email: epifania.cps@gmail.com

A pesquisa em apresentada objetiva analisar a construção da identidade de um personagem masculino cisgênero a fim de compreender a bissexualidade nesse contexto específico. Autores como Alberto (2018) e Jaeger (2019) apontam para a ausência de um consenso sobre o que define exatamente uma identidade bissexual devido à falta de normas, comportamentos ou narrativas que determinem essa identidade. As práticas sexuais não-heteronormativas, ou não monossexuais, especialmente a bissexualidade, são historicamente vistas como ininteligíveis e, portanto, são frequentemente deslegitimadas e associadas a estigmas como a não-monogamia, infidelidade e a transmissão de infecções sexualmente transmissíveis. Isso resulta na exclusão ou na tentativa de apagamento dessas identidades. Essa marginalização é ainda mais complexa no caso dos homens bissexuais, pois desafia diretamente a hegemonia da masculinidade heterossexual. Neste artigo, as discussões serão desdobradas sobre o recorte da hegemonia da masculinidade heterossexual.

Com vistas a debater a problemática citada, retoma-se Jaeger et al. (2019), que mostram que desde o século XVII as mulheres bissexuais têm sido hipersexualizadas tendo sua imagem atrelada à responsabilidade da serventia dos desejos e fantasias sexuais masculinas. Para as mulheres, a bifobia pode se tornar um fator agravante de violência, tornando-as ainda mais sexualizadas e reduzidas a uma metonímia de suas identidades, contribuindo para a (já) violenta normatização do ser mulher na sociedade. A metonímia aqui se refere ao uso de uma parte para representar o todo. Nesse contexto, as mulheres bissexuais são reduzidas a uma única faceta de sua identidade sexual, o que as leva a serem objetificadas e estereotipadas, negligenciando-se as outras dimensões de suas personalidades e experiências. Isso reforça a ideia de que a mulher é definida principalmente por sua orientação sexual, ignorando-se sua individualidade e complexidade como ser humano.

Por outro lado, para os homens bissexuais a bifobia não se torna apenas um agravante que reforça a noção de ser homem, mas a nega, pois a bissexualidade é considerada conflituosa com a identidade masculina hegemônica, a heterossexual. De

los Santos Rodriguez (2019), mostra como a heterossexualidade é considerada como identidade hegemônica, pois é narrativizada no circuito da normalidade e fator preponderante para a masculinidade. Nesse sentido, a bifobia não apenas marginaliza os homens bissexuais, mas também desafia diretamente a narrativa tradicional da masculinidade, que está intrinsecamente ligada à heterossexualidade. Ao negar a legitimidade da bissexualidade, a sociedade não só exclui esses homens de sua própria identidade sexual, mas também os força a se conformarem a um ideal de masculinidade estreito e limitado, que muitas vezes requer a supressão de sua sexualidade. Nesse sentido, a bifobia perpetua estereótipos prejudiciais sobre os homens bissexuais, e reforça a rigidez das normas de gênero e sexualidade impostas pela sociedade.

O texto que segue coloca foco na bifobia, que não apenas marginaliza os homens bissexuais, mas também desafia a narrativa tradicional da masculinidade, intrinsecamente ligada à heterossexualidade. A fim de construir um percurso que possibilite debater a problemática do apagamento das identidades bissexuais, questões-problemas foram formuladas a fim de auxiliar no melhor direcionamento do objetivo da pesquisa: como se dá a construção da identidade do homem bissexual, tendo em vista a contradição imposta socialmente entre a masculinidade e a bissexualidade? De que modo a negação da legitimidade da bissexualidade impele esses homens a se conformarem a um ideal restrito de masculinidade, muitas vezes exigindo a supressão de sua verdadeira sexualidade?

A pesquisa apresentada visa contribuir para um melhor entendimento sobre como a bissexualidade e a masculinidade podem coexistir em uma mesma identidade lançando luz sobre essas questões, a pesquisa promove uma visão mais inclusiva e complexa das identidades sexuais e de gênero, reforçando a importância de reconhecer e validar a diversidade humana.

Justificando as práticas da pesquisa

A pesquisa aqui apresentada se justifica cientificamente ao abordar uma temática necessária no campo da Psicologia Social e dos estudos de identidade, especialmente no que diz respeito à bissexualidade masculina. Compreender o gênero e a sexualidade a partir de uma perspectiva dialética e comprometida ética-politicamente pode promover discussões e novas formulações teórico-práticas que avancem na práxis social e política da psicologia como ciência e profissão. O tema compõe com as prerrogativas da profissão apontadas como princípios fundamentais do Código de Ética do Psicólogo: "o psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão" (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, p.7, 2005).

A relevância desta pesquisa reside ainda na sua capacidade de desafiar e ampliar as compreensões tradicionais sobre masculinidade e sexualidade em uma sociedade predominantemente binária. Ao abordar como a heterossexualidade é frequentemente vista como a norma universal e um componente essencial da masculinidade, a pesquisa destaca a marginalização e a invisibilidade enfrentadas por indivíduos que não se encaixam nesse molde, especialmente homens bissexuais. Conforme argumentado por De Los Santos Rodriguez (2019) e Jaeger et al. (2019), a dicotomia rígida que define a sexualidade e o gênero em termos opostos (Homem/Mulher, Hétero/Gay) não só nega a legitimidade das identidades bissexuais, mas também coloca os homens bissexuais em uma posição de constante negação de sua masculinidade e identidade sexual.

Ao investigar como a masculinidade e a bissexualidade podem coexistir dentro de uma mesma identidade, esta pesquisa se propõe a desmobilizar os estigmas e os apagamentos que cercam os homens bissexuais. Isso não apenas contribui para um entendimento mais inclusivo e complexo da sexualidade e do gênero, mas também oferece um espaço de reconhecimento e validação para aqueles cujas identidades são

frequentemente consideradas ilegítimas ou inexistentes. Portanto, a pesquisa se justifica socialmente por sua potencialidade em promover a visibilidade e a aceitação de diversidades sexuais e de gênero, desafiando normas hegemônicas e binárias que limitam a compreensão e a expressão das identidades humanas.

Diante do exposto, na pesquisa apresentada o objetivo geral foi analisar e compreender a construção da identidade bissexual de Nicholas Nelson em meio aos conflitos vividos pelo personagem, investigando os possíveis cruzamentos da bissexualidade com a masculinidade, e vice-versa. Também visou explorar as políticas de identidade que normatizam o ser homem na sociedade e refletir sobre possibilidades de (re)construção de identidades políticas bissexuais e masculinas a partir da narrativa do personagem. A universidade, enquanto espaço de produção de conhecimento e formação de profissionais, desempenha um papel crucial na abordagem e discussão de questões sociais relevantes, como a identidade de gênero e orientação sexual. Ao inserir esse debate no contexto acadêmico, não apenas se ampliam as reflexões e análises críticas sobre o tema, mas também contribui para a promoção de uma cultura de respeito à diversidade e combate ao preconceito. Assim, a pesquisa não apenas cumpre um papel científico, mas também ético-político, ao buscar compreender e problematizar as experiências de indivíduos bissexuais e masculinos, visando promover uma sociedade mais inclusiva e justa.

Para o estudo da identidade, a ancoragem no materialismo histórico-dialético encaminha à compreensão do sujeito em sua historicidade em um movimento no qual ele se constitui e é constituído nas e pelas relações sociais. Diante disso, a identidade passa a ser compreendida como um processo atravessado pela cultura e pela materialidade da vida, ou seja, marcada pelo tempo e pelo espaço cotidiano em que está inserida, em seu constante movimento de construção e desconstrução (ZANELLA et al., 2007).

Identidade

O senso comum sobre identidade remete a uma visão estática, imutável, onde a identidade é concebida como algo determinado que se forma ao longo do tempo a partir de uma essência intrínseca ao ser. Ciampa (1989), importante estudioso do tema, questiona e reflete sobre essa concepção estática: “nós nos tornamos algo que não éramos, ou nos tornamos algo que já éramos e estava como que ‘embutido’ dentro de nós?” (CIAMPA, 1989, p. 61). Como possível resposta, o autor afirma que a mutabilidade da identidade deve ser analisada em relação ao contexto. O que é valorizado e considerado como "bom" pela sociedade é geralmente associado a uma essência inerente que sempre esteve presente nas pessoas. Por outro lado, quando algo é percebido como "ruim", é comum atribuí-lo a uma essência presente nos outros, mas não em si mesmo. Essas contradições evidenciam a compreensão da identidade como um processo dinâmico, em constante transformação.

Essa perspectiva dinâmica da identidade é fundamental para uma compreensão mais ampla das experiências humanas. Ao reconhecer que a identidade não é fixa, mas sim influenciada por diversos fatores contextuais e sociais, pode-se considerar a complexidade das interações entre indivíduos e sociedade. Essa abordagem permite reconhecer e valorizar a diversidade de experiências e trajetórias de vida, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e empática. Nesse sentido, fala-se de uma identidade que não só se modifica com o tempo, mas que pode adquirir variadas formas, se apresentar de diversas maneiras, regredir e progredir constantemente. Essa identidade é constituída a partir dos processos de socialização do indivíduo, que segundo Berger e Luckmann (1985), pré-determinam certas possibilidades de ser e estar no mundo, tanto objetivamente quanto subjetivamente, na medida em que torna esse sujeito submisso à lógica do sistema político e social vigente, que nesse caso, é o capitalismo.

Nessa direção, cabe ressaltar as determinações dessas possibilidades, visto que, segundo Berger e Luckmann (1985), o homem (espécie) nasce em um mundo já

construído ensinado a ele pelos outros significantes em uma socialização primária. Necessariamente, no processo de socialização, o tornar-se humano implica na identificação ou diferenciação no contraponto de categorias e personagens postos em uma lógica binária, na qual se é um ou outro, afunilando e engessando as experiências de vida dos sujeitos (JAEGER et al. 2019).

Tornar-se humano é um processo de socialização que implica, necessariamente, na participação da vida cotidiana. Segundo Heller (1985), a pessoa já emerge, desde sempre, no cotidiano específico de uma sociedade. O processo de amadurecimento implica que o indivíduo desenvolve todas as competências necessárias para a vida diária dentro da sociedade específica em que está inserido. Ou seja, inserir-se na sociedade é adquirir um universo de representações, papéis, normas e predeterminações acerca de si e dos outros na medida em que se compreende o que está definido a priori sobre os personagens envolvidos nessa constituição social.

Dentre essas categorias, nessa pesquisa dar-se-á foco à masculinidade, que é constituída a partir de um conjunto de ideias, símbolos e comportamentos atribuídos ao sujeito que nasce com um pênis (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2019). Segundo De los Santos Rodriguez (2019), tornar-se homem é identificar-se com certos papéis e representações significadas como “do homem”, em oposição ao que é tido como “de mulher”. Isto é, com categorias que fortalece(ria)m a identidade masculina: “jovem, heterossexual, cisgênero, branco, forte, rico e viril” (p. 277), construindo uma definição universal a essa identidade de tal forma que nega ao papel de “ser homem” outras formas de identificação.

De acordo com Paulino-Pereira (2014) e Ciampa (1987; 2005), a identidade é metamorfose, um processo infundável sempre em movimento. Contudo, dirão os autores, quando há pressão instrumental à constituição da identidade em uma lógica como a do funcionamento do capitalismo – que significa sinonimicamente virilidade, força, competência e produtividade com a heteronormatividade – a metamorfose é alicerçada em um movimento de reposição, fixando a relação binária da identidade aos

papéis sociais de modo com que a metamorfose não ocorrerá “como superação”, mas sim “como mera reposição de sua identidade” (Paulino-Pereira, 2014, p.50).

A reposição de uma identidade entendida como única é a aproximação a o que Ciampa (1987/2005) nomeia de *mesmice*, compreendida também como um processo de manutenção do *status quo* e das relações sociais na medida em que se reproduz um papel social dado (Paulino-Pereira, 2014). Já a categoria “mesmidade”, forjada por Ciampa, pode ser compreendida como uma identidade “plástica”, mutável que se constrói constantemente a partir de reflexões, ações e (re)significações acerca do ser humano e de sua vida cotidiana. A *mesmice* e a *mesmidade* são categorias dialéticas, e é necessário compreendê-las não como oposição entre si, mas como processos que ocorrem em conjunto, relacionando-se intimamente à medida que uma implica na outra, e vice-versa. Sendo assim, a *mesmidade* não implica em uma negação da existência de papéis, mas sim de seu caráter naturalizante e normativo e, portanto, ela será, necessariamente, uma identidade política, visto que seu processo decorrerá da recusa das políticas de identidades impostas pela estrutura capitalista (LIMA, 2007).

Bissexualidade

A invisibilidade da bissexualidade tem sido objeto de estudo em pesquisas contemporâneas, refletindo os desafios e complexidades associados à legitimação dessa identidade sexual. Pesquisas como as produzidas por Cavalcante (2007), e Calmon (2023), investigaram os modos como a bissexualidade – isto é, a sexualidade que se identifica com práticas afetivas, sociais e sexuais tanto com pessoas do mesmo gênero como de outros gêneros –, é representada, destacando a presença de estereótipos e a falta de profundidade nas representações de personagens bissexuais. As pesquisas revelaram que a mídia desempenha um papel fundamental na construção e desconstrução das narrativas sobre a bissexualidade, evidenciando a oportunidade de desafiar preconceitos e promover uma compreensão mais inclusiva.

O processo de construção de identidade de pessoas bissexuais tem sido trazido à baila das discussões acadêmicas a fim de discutir, e dar visibilidade, aos modos como elas lidam com questões relacionadas à sua sexualidade, e como isso influencia sua autoimagem. Os desafios enfrentados por pessoas bissexuais, relata Cavalcanti (2007), estão intimamente relacionados à tentativa de encaixe das identidades e comportamentos aos padrões sociais que frequentemente ignoram ou estigmatizam esse modo de existência.

A bissexualidade desafia rótulos sexuais e estereótipos. Para Cavalcanti (2007), posta em paralelo a padrões binários, como os que são reconhecidos predominantemente na sociedade, a bissexualidade provoca crítica à categorização do objeto sexual e do sujeito desejante produzindo inquietações sociais, políticas e ideológicas, modificando o debate sobre direitos e fronteiras sexuais. Nessa relação de forças, a dualidade hetero/homossexual é reforçada pela demarcação de territórios e políticas (re)integradoras, enquanto a bissexualidade representa um fenômeno relevante e desafiador em um cenário que questiona o binarismo tradicional. A descontinuidade e ambiguidade provocadas pela bissexualidade são vistas como insuportáveis, tornando suspeitos os indivíduos que ultrapassam as normas suspeitos.

Importante citar como contribuições significativas das pesquisas analisadas, inclusive citada pelos autores em questão (Calmon, 2023; Silva et al, 2024), a visibilidade dada à importância do diálogo e da representatividade para o processo de construção de identidade das pessoas bissexuais, que contribuem para desconstrução de estereótipos e preconceitos em relação à bissexualidade, frequentemente reproduzidos. A marginalização das práticas bissexuais, juntamente com outras formas não normativas de expressão sexual, evidencia a necessidade de produzir formas para desconstruir os estigmas e preconceitos que permeiam as relações de gênero e sexualidade.

Os diferentes percursos realizados na produção de pesquisas sobre a construção de identidade e bissexualidade mostram a flexibilidade e mutabilidade das identidades de gênero, aliadas à importância da expressão da individualidade, ressaltando a

necessidade de reconhecer e respeitar a multiplicidade de formas de ser e se relacionar. A exemplo, a pesquisa de Santos, Bernardes e Ferreira (2018), mobilizando o conceito de monodissidência a fim de unir diferentes orientações não monossexuais em um único termo, abordou a invisibilidade da bissexualidade sob a perspectiva dos estudos de gênero e sexualidade observando a falta de reconhecimento e apoio para indivíduos bissexuais nesses contextos. A pesquisa destacou a necessidade de uma inclusão explícita da bissexualidade em pesquisas acadêmicas e políticas públicas para combater o apagamento e promover a igualdade, minimizando riscos à saúde mental desses que se identificam como bissexuais.

A invisibilidade e exclusão da população bissexual se estende não apenas ao senso comum, mas também aos profissionais de saúde, conforme apontam Santos, Bernardes e Ferreira (2018), que muitas vezes confundem a bissexualidade com transtornos mentais como bipolaridade ou borderline. Diante desse cenário, surge a importância de criar espaços de validação e apoio para pessoas bissexuais objetivando combater a invisibilidade, a troca de experiências de apagamento, e o fortalecimento de vínculos dentro da comunidade LGBTQIAPN+.

A bifobia, que pode ser manifestada por pessoas independente do seu lugar social ou profissão, se manifesta através de estereótipos e julgamentos negativos em relação a pessoas bissexuais, impactando a forma como essas pessoas se percebem, são vistas e se relacionam dentro da comunidade LGBTQ+. Jaeger et al (2019), destacam a importância do reconhecimento do termo "bifobia" para descrever as discriminações específicas enfrentadas por pessoas bissexuais, e que a emergência do termo "bifobia" e a crescente utilização do termo "monossexismo" na militância bissexual visam confrontar a invisibilização, deslegitimação e marginalização das experiências e identidades bissexuais, refletindo a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e respeitosa das diversas orientações não monossexuais.

O embate em torno da nomenclatura e reconhecimento das discriminações específicas vivenciadas por pessoas bissexuais evidencia as tensões e desafios presentes

na comunidade LGBTQIAPN+. A luta pelo termo "bifobia" visa denunciar as reações negativas em relação às bissexualidades, combatendo a invisibilização e deslegitimação dessas experiências.

A bissexualidade como (não) política de identidade

As políticas de identidade, como nomeado por Ciampa (2002), são compostas pelos aspectos regulatórios e normatizadores da sociedade. Essas políticas são um conjunto de normas, condutas e símbolos que são dados a priori a grupos e coletividades na tentativa de produzir uma determinação e um controle sobre eles, definindo a maneira correta de se existir. Essas definições referem-se tanto à atividade do grupo e aos sujeitos pertencentes, quanto ao seu modo de pensar; e constituem tanto as identidades individuais dos membros do grupo, como a identidade coletiva do grupo. Segundo Paulino-Pereira (2014), são identidades compartilhadas que conferem uma sensação de continuidade aos membros que assumem os papéis, normas e valores aceitos pelo grupo como um todo, e são reiterados continuamente por meio da memória, influenciando tanto a realidade objetiva quanto subjetiva dos homens.

É com base nessas normativas que Heller (1985) discorre sobre a estrutura da vida cotidiana e sobre o sujeito que se torna adulto ao adquirir as habilidades necessárias para viver na cotidianidade. Nesse processo de aquisição de habilidades o sujeito não somente se assimila tudo àquilo que diz do tempo e espaço presentes, mas também, e principalmente, ao que se deu no passado da história humana. A autora auxilia a entender que compreender a vida cotidiana é compreendê-la como histórica, como movimento. Contudo, por ser constituída por seu caráter heterogêneo, a cotidianidade não permite o aprofundamento das habilidades sociais, ou a vivência de todas as possíveis formas intensamente, ocasionando na necessidade de o sujeito se constituir nas generalizações para dar conta das exigências/existências cotidianas. Essas generalizações em si mesmas não são boas e nem ruins. Porém, Heller (1985) e Ciampa

(2002) alertam para o fato de que a vida cotidiana no capitalismo se estrutura a partir de políticas de identidade naturalizantes e universais, que visam o controle social e à manutenção das relações sociais como tal. As políticas de identidade constituem as categorias, as representações, e os papéis sociais que são pré-determinados e repostos constantemente na vida cotidiana. Dessa maneira, cabe refletir sobre o lugar daquele que não se “encaixa”, que não se identifica com os papéis sociais naturalizados e normatizados. Esse é o lugar, ou nesse caso, o não-lugar da bissexualidade.

Em seu trabalho, Cavalcanti (2007) descreve os sujeitos bissexuais como pessoas que potencialmente desejam e relacionam-se emocional e/ou sexualmente com mais de um gênero, em um mesmo momento ou em momentos distintos de suas trajetórias. Nesse sentido, cabe mobilizar a noção de “potencialidade infindável”, isto é, potenciais possibilidades de identificação em constante movimento. Ser bissexual na sociedade contemporânea à segunda década dos anos 2000 implica em ocupar um “espaço” entre dois extremos, uma posição que implica constantemente o sujeito a escolher por um dos extremos do binômio heteronormativo. Segundo Jaeger et al. (2019), apesar do reconhecimento da bissexualidade como o potencial do desejo direcionado a mais de um objeto, “a bissexualidade não foi considerada como uma modulação de uma sexualidade plena e madura, mas como um estágio do desenvolvimento sexual” (p.4).

Para compreender melhor esse não-lugar (im)posto, Goffman (1980) e Ciampa (2002) convidam a refletir sobre o conceito de estigma nas políticas de identidade. Para Goffman (1980), o estigma refere-se a alguns atributos, perceptíveis ou não nos primeiros contatos entre os sujeitos, que é significado pela sociedade como algo ruim, diferente do normal. Nesse sentido, o autor afirma em seu trabalho que é preciso compreender o estigma como uma forma de comunicação baseada em interações interpessoais, e não em características intrínsecas. Um atributo que estigmatiza alguém pode reforçar a normalidade de outra pessoa. Portanto, por si só não é necessariamente

repugnante ou desonroso. Nessa conjuntura, é imperativo compreender o estigma e, consequentemente as políticas de identidade, como paradigmas dialéticos.

A bissexualidade, assim como outras sexualidades que não a heterossexual, é geralmente entendida como sexualidade desviante, estigmatizada, utilizada para reforçar uma normalidade e uma universalização da experiência sexual humana. Porém, de acordo com April Callis (2009), citada por Maia (2020), diferentemente da homossexualidade, que possui um estigma construído de forma a colocá-la em uma posição inferior, incorreta e imoral frente à heterossexualidade, o estigma da bissexualidade a pré-determina como invisível, como uma experiência sexual deslegitimada na medida em que lhe é retirado o reconhecimento social de existência. Maia (2020), afirma que a formação de uma categoria social cujo comportamento sexual foi considerado criminoso permitiu mais tarde o surgimento de uma identidade politicamente ativa, coletiva.

Conforme apontado por Ciampa (2002), a identidade coletiva está geralmente associada aos personagens sociais: homem, mulher, negro, branco, homossexual. O autor convida à reflexão sobre as formas de construir uma identidade política não somente no âmbito da coletividade, mas também como sujeitos que são representados a partir de papéis e personagens específicos. Essa construção resulta em uma multiplicidade de identidades coletivas, cada uma com suas particularidades e dinâmicas próprias, refletindo as diversas experiências e vivências dos indivíduos dentro de um grupo social. Assim, Ciampa desafia a compreensão simplista e estática das identidades sociais, promovendo uma visão mais complexa e fluida, onde a política de identidade é continuamente negociada e redefinida. Paulino-Pereira (2014), colabora com essa reflexão mostrando que a identidade política se concretiza na medida em que o sujeito se reconhece como autônomo, se conscientiza frente às políticas de identidade, e busca conciliar as diversas demandas de sua vida cotidiana de forma autônoma, “conciliada com o direito positivo” (p.65).

A partir disso, se pode afirmar que a identidade política se dá conforme os sujeitos se posicionam contra o caráter normalizante e determinista das políticas de identidade na sociedade, buscando não a desestruturação dos papéis e personagens postos, mas a desestruturação do modo como o sistema impõe, reforça e subjuga as identidades humanas em rótulos fixos e imutáveis. Nesse ínterim, é possível inferir que a construção de uma identidade coletiva bissexual pode ser um passo importante para a construção de uma identidade política que busque retirar da bissexualidade os estigmas de invisibilidade e imaturidade, concretizando-se como uma das muitas potencialidades da sexualidade humana.

Entre o Sentir e o Nomear: história de vida de Nicholas-Nelson

As análises apresentadas nas próximas seções se desdobram fundamentadas na metodologia da análise da história de vida a partir das proposições teóricas e analíticas de Ciampa (1987/2005), que se organiza articulada às perspectivas sobre identidade da Psicologia Social Crítica, arquitetada no materialismo histórico-dialético.

A análise de história de vida é uma metodologia que busca compreender as trajetórias individuais, experiências e significados atribuídos por cada pessoa às suas vivências. No contexto da análise de história de vida, é comum identificar a presença de políticas de identidade impostas aos indivíduos, e que podem limitar as possibilidades de transformação e emancipação. Nesse sentido, a análise de história de vida permite investigar esses processos de imposição e construção de identidades, bem como as resistências e possibilidades de transformação presentes nas narrativas individuais (DANTAS, 2017).

Nessa direção, Lima e Ciampa (2017) afirmam que a narrativa a ser analisada não é, e não deve ser, a história cronológica do indivíduo, na qual os eventos são contados e recontados com precisão. Pelo contrário, a história de vida evidencia, no individual – com sua sucessão de “contextos e personagens” (p.5) – e na singularidade

os aspectos daquilo que é universal, social. Assim, analisar o processo de construção da identidade de uma personagem fictício pode ser tão rico quanto a entrevista de um sujeito material.

A série *Heartstopper*, escrita por Alice Oseman, é o espaço ficcional cuja trama apresenta o personagem foco de análise desta pesquisa, é uma produção humana que vai ao encontro com a metodologia proposta. *Heartstopper* teve seu início como uma *webcomic* em 2016, compartilhada em plataformas online como Tumblr e Tapas. A trama gira em torno dos protagonistas Charlie Spring e Nick Nelson, estudantes na escola para meninos Truham. Enquanto Charlie se identifica e se significa abertamente homossexual (pessoa que se identifica e se atrai emocional, física e esteticamente por outra pessoa do mesmo sexo ou gênero), Nicholas é o capitão do time de rúgbi da escola e está identificado, até então, com comportamentos heterossexuais monoafetivos. O sucesso da *webcomic* levou Oseman a realizar uma campanha de financiamento coletivo para publicação física, posteriormente fechando contrato com a editora *Hachette Children's Group* e anunciando o lançamento dos livros no Brasil, em 2021. Os direitos para uma adaptação audiovisual pela Netflix foram adquiridos, com Oseman atuando na adaptação do roteiro e produção executiva. A narrativa de *Heartstopper* segue o romance entre Charlie e Nicholas, com a progressão da relação refletida nos nomes dos episódios, culminando em "Namoro". O foco principal do trabalho é na jornada de autodescoberta de Nicholas, inicialmente apresentado como homem heterossexual, até sua autoidentificação como bissexual, explorando suas dúvidas e aproximando-se afetivamente e sexualmente de Charlie.

A decisão pela análise de um personagem fictício, como Nicholas, se deu porque da perspectiva teórica-metodológica da qual parte a execução dessa pesquisa, compreende-se que um texto ficcional apresenta uma narrativa afetada e atravessada pelas singularidades que constituem seus autores e atores que interpretam os papéis ali formulados. Articulados ao processo de formulação textual da obra ficcional, os contextos históricos e sociais, e os mecanismos de dominação, opressão e tudo o que

predetermina as identidades dos sujeitos e suas formas de existência estão ali também narrados e representados. Trabalhar com um personagem de série permite reconhecer a cultura, os preceitos, os papéis e personagens sociais em movimento, e permite observar como as diferentes identidades são retratados e apresentadas ao público telespectador. Pensar nas maneiras como as identidades sociais são retratadas e reproduzidas socialmente por meio de mídias como filmes e séries populares auxiliar a pensar sobre a maneira como são construídas e reconstruídas as identidades.

A exemplo desta prática de pesquisa, Silva et al (2024) propuseram uma análise da representação da identidade bissexual na série (*webtoon*) "*Heartstopper*", focando na jornada do personagem Nicholas Nelson em descobrir e aceitar sua bissexualidade em um ambiente tradicionalmente heteronormativo (monossexual). Através de uma abordagem qualitativo-interpretativista da Linguística Aplicada, o estudo buscou explorar as marcas linguístico-discursivas que delineiam a construção da identidade de Nick, oferecendo uma visão sensível e humana das experiências de jovens LGBTQIAPN+ marginalizados. Ancorado nos conceitos de enunciado concreto, palavra e signo ideológico de Bakhtin, o artigo destaca a importância da dialógica da linguagem na compreensão das questões identitárias e ideológicas.

Nicholas Nelson, personagem principal da série *Heartstopper*, é uma figura complexa que convida a refletir sobre questões de identidade, masculinidade e bissexualidade. Ao longo da narrativa, ele se desdobra em diferentes personas, representando uma figura masculina cis-gênero como indivíduo que está em constante processo de autoconhecimento e aceitação. Por meio da análise da história de vida do personagem, as próximas seções exploram a construção das identidades de Nicholas e discutem os modos de entrelaçamento entre o individual e o social/coletivo, trazendo à tona discussões sobre gênero, identidade sexual e representatividade na mídia.

A construção da identidade masculina, na formatação social que valoriza e impõe certos padrões de masculinidade, impõe a Nicholas pressões que o impelem a conformar-se a esses padrões. Nicholas, como personagem, parece estar preso em um

conflito interno entre quem ele é e quem a sociedade espera que ele seja, deixando visível o fato de que as identidades são construções sociais. Esse conflito é amplificado pelas relações sociais em que ele está inserido, especialmente com seus colegas de equipe de Rugby, que perpetuam ideais prejudiciais de masculinidade, como homofobia e machismo. Mesmo que Nicholas possua sentimentos conflitantes e até mesmo discordâncias com esses padrões, ele ainda se vê pressionado a conformar-se a eles para evitar ser excluído ou desvalorizado.

A discussão sobre como Nicholas se relaciona com a sexualidade e com os outros personagens ao seu redor oferece uma visão perspicaz sobre as complexidades da construção da identidade masculina e os desafios que os indivíduos enfrentam ao tentar reconciliar quem são com as expectativas sociais.

Na sequência, foram separadas, a título de organização para análise, formatações observadas no processo de identificação identitária do personagem.

Nicholas-Homem

Partimos do pressuposto que as identidades são construídas nas relações sociais (cf. CIAMPA, 1989). Por meio delas os indivíduos exercem diversos papéis e personagens, assumindo lugares de atores e autores de suas histórias ao longo da vida. Ciampa dirá que as identidades se refletem umas nas outras, relações pelas quais são construídas tanto como transformação, quanto como reprodução dos papéis pré-estabelecidos socialmente nas políticas de identidade. Esses papéis pré-estabelecidos são os do homem cis, branco e heterossexual, que expressam sua masculinidade através da liderança, da força e da agressividade (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2019). Nicholas-homem é um personagem que representa esse ideal.

Nicholas é um garoto cis branco, mais forte que os demais colegas de sua turma e o “jogador estrela” do time de Rugby, um esporte com muito contato físico e relativamente violento. Nicholas-homem se relaciona com os colegas do time de Rugby,

que em diversos momentos são homofóbicos com Charlie, personagem igualmente complexo na trama da série *Heartstopper*. Charlie é retratado como um jovem sensível e gentil, lidando com os desafios de reconhecer e assumir para si mesmo, e para os seus pares, a sua identidade sexual enquanto é significado como alguém que não é bom em esportes por ser “magrelo”, e por ser *gay*, mesmo por Nicholas.

Nessa trama, Nicholas, na relação em que se encontra com seus colegas de time, reproduz a homofobia, o machismo e as agressividades do universo masculino, ainda que já perceba sentimentos conflituosos com essa representação. Nesse jogo social, repõe constantemente o papel de homem e hétero frente ao grupo de jogadores num funcionamento de mesmice, conforme formulação de Ciampa (1987/2005). Isto é, produz a reposição de um papel dado, pré-estabelecido, sem nenhum tipo de reflexão ou consciência acerca dele.

A dificuldade que Nicholas-homem possui de emancipar-se desse papel dado é percebida em diversos momentos no encontro com seus colegas, que geralmente estão envolvidos quando há esse funcionamento de reposição. Mesmo em momentos de discordância, o jovem tende a realizar a manutenção dessas relações, o que o leva a retornar ao papel do homem hegemônico. São nessas tentativas de transformação que Nicholas-homem vivencia também sua mesmidade na reposição de um papel dado de homem, porém com incômodos, angústias e um sentimento de estar agindo em conformidade à vontade de outros em detrimento de suas próprias vontades por medo de como seria lido no embate das políticas de identidade.

É nessa direção que a trama convida à compreensão de que Nicholas vivencia o conflito com sua sexualidade não pelo que sente, mas pelo que a sexualidade implica na sua identidade. A bissexualidade, assim como outras sexualidades desviantes (CAVALCANTI & POSTAL, 2020) às sexualidades normatizadas, é entendida como conflituosa à masculinidade hegemônica dada, como é a do homem heterossexual (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2019). Dessa forma, ser homem e ser bissexual implicaria Nicholas na perda ou desvalorização do papel de virilidade que a ideia de

heteronormatividade socialmente lhe atribui, promovendo a sua exclusão do grupo hegemônico.

Segundo Maia (2020), os homens que não correspondem à categoria hegemônica pré-determinada são considerados menos homens passando a ser “hierarquizados dentro da lógica hegemônica, considerados como ‘homens falhos’,” (MAIA, 2020, p. 627). É nessa perspectiva que Nicholas é observado reproduzindo a personagem Nicholas-homem na medida em que tenta permanecer nesse papel posto por medo de que seus colegas descubram sua relação com Charlie. Nicholas, para repor seu papel, precisa representar a heterossexualidade, a masculinidade, ao ponto de não poder recusar a investida de uma garota interessada, pois isso implicaria na quebra da normativa masculina, que segundo Connel e Messerschmitt (2013), “incorpora a forma mais honrada de ser um homem[. E]la exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (p. 245).

De acordo com Ciampa (1989), assim como as identidades são construídas nas relações sociais de modo que seja possível exercer diversos papéis e personagens, são nessas relações que são construídas tanto transformação, quanto reprodução dos papéis pré-estabelecidos socialmente por entre as políticas de identidade. A identidade masculina de Nicholas contrasta, então, com os seus sentimentos. Na dinâmica complexa vivida com seus colegas de time fica evidenciada a presença marcante de comportamentos homofóbicos direcionados a Charlie, que também é membro da equipe e alvo dos sentimentos amorosos de Nicholas, que se vê impelido à repetição dos mesmos ataques e ofensas. Diante desse cenário, Nicholas se percebe em um dilema emocional e social. Por um lado, ele reconhece a injustiça desses comportamentos e sente conflitos internos ao presenciar tais atitudes. Por outro lado, ele se vê compelido a seguir os padrões de masculinidade hegemônica, os quais exigem adesão a uma identidade heteronormativa e a manutenção de uma postura dominante sobre aqueles considerados "desviantes".

Nicholas-Bissexual

A representação social do personagem Nicholas-homem está em evidência e é uma figura de grande representatividade ao longo de toda a série *Heartstopper*. É a partir dele e dos seus papéis exercidos que os demais personagens da série o significam como um garoto heterossexual. Nicholas é a estrela do time, forte e mais alto que os demais garotos do mesmo ano, e assim o significam: “dá pra ver que ele é hétero só de olhar para cara dele” (*Heartstopper*, 2022, T1E02, 07:33), disse um outro personagem. Nicholas não somente é lido desse modo pelos demais personagens, como também é a maneira como ele identifica a si mesmo nesse início de temporada. É a partir do momento que começa a conviver com Charlie e que ambos começam a se aproximar que Nicholas demonstra ser, ao menos com Charlie, um garoto diferente daquele identificado como Nicholas-homem, reproduzidor de uma masculinidade hegemônica. Nicholas passa a construir uma nova personagem nessa relação, que mesmo sendo diferente e por vezes, antagônico ao Nicholas-homem, é uma representação igualmente válida para a compreensão de Nicholas em totalidade.

Em confluência à obra de Ciampa (1987/2005), compreende-se que Nicholas vivencia os diversos e diferentes personagens com os quais é possível se identificar ao longo da vida, e muitos deles ao mesmo tempo, em diferentes relações. No decorrer da relação de Nicholas e Charlie, conforme ambos se aproximam e passam a conviver mais tempo juntos, a paixão de Nicholas por seu par se faz premente, assim como o conflito implicado na sua própria identidade. Nicholas parece sentir, ao mesmo tempo, sensações boas e eufóricas, assim como medo e dúvidas acerca de si mesmo, especialmente sobre a implicação que esse sentimento teria para Nicholas-homem.

Foi durante uma festa na casa de um colega que os personagens Nicholas e Charlie tiveram um momento à sós, quando puderam conversar sobre seus sentimentos, seus medos e vontades culminando no seu primeiro beijo. Esse seria também o ponto de partida para o aprofundamento das questões e inquietações sobre a sua sexualidade,

movimentando-se em um processo de mesmidade à medida em que vivencia sensações boas e um desejo que lhe é novo. Concomitante a esse processo, Nicholas experimenta as angústias e o medo sobre o questionamento sobre a sua própria identidade, seus personagens, e sobre o que os outros sociais pensaria sobre o que compreender ser um estigma, isto é, uma marca social “depreciativa”, considerada inferior e ruim em determinadas culturas e sociedades (Goffman, 1980).

A bissexualidade, e consequentemente a identidade bissexual, é deslegitimada como uma vivência possível, concreta quando colocada em paralelo à identidade normatizada socialmente. Jaeger et. al (2019), explica que essa compreensão foi culturalmente construída em sociedades capitalistas por sua lógica da propriedade privada, estabelecendo que as existências dos homens são pautadas de formas únicas e universais, fixas. A bissexualidade quebra essa normativa, pois se apresenta como sexualidade “visivelmente fluida”, com mais de um objeto de desejo que pode ou não se alterar em determinados momentos da vida, assim como tender mais a um gênero que o outro (Jaeger et al., 2019).

Esse funcionamento é observado na construção do personagem de *Heartstopper*. Nicholas encontra dificuldade em nomear aquilo que vivencia, principalmente pelo atravessamento das políticas de identidade e da bifobia presente nessas políticas, que invisibilizam a experiência bissexual e pré-determinam o sujeito como hétero (De Los Santos Rodriguez, 2019) ou homossexual (Maia, 2020). Nicholas não possui contato com outros bissexuais durante essa trajetória, exceto um garoto do 2º ano chamado Ben, que não se nomeia como bissexual e é o mesmo garoto que assediou Charlie e o manteve em uma relação ruim e sem reciprocidade de cuidado ou afeto.

Na medida em que vive a dialética das mesmices e mesmidades como Nicholas-bissexual, o personagem encontra-se angustiado e incerto sobre suas experiências, voltando-se à colegas próximos que possam ter vivenciado experiências parecidas. Nicholas busca compreender como sua colega Tara passou a se identificar como lésbica, entendendo que esse foi um longo processo. Tara não sabia a priori sobre

sua sexualidade, mas foi construindo essa nomeação ao longo de sua relação com Darcy. Nas palavras da personagem Darcy: “Tara só soube que era lésbica após a gente se beijar umas seis vezes” (Heartstopper, T1E06, 09:30).

A partir das relações construídas e reconstruídas por Nicholas-bissexual, ele passa a perceber sentido nos seus desejos e encontra na bissexualidade a oportunidade de se fazer existir e resistir, de exteriorizar sua subjetividade e torná-la pública e consequentemente, política. Percebendo-se e reconhecendo-se como bissexual, Nicholas passa a viver assumidamente um relacionamento com outro homem.

Através da construção e desconstrução de suas relações, Nicholas-bissexual passa a formular uma identidade política na medida em que, em meio a tantas predeterminações e reposições, passa a exercer papéis de maneira mais autônoma em acordo com sua individualidade. Assim como disse Ésther (2014), a identidade política permite que o indivíduo se compreenda enquanto totalidade, ou seja, como ator e principalmente autor de seus papéis e personagens. Com isso, compreende-se que Nicholas-bissexual passa a ser autor de sua história.

Em meio a esse processo que Nicholas, buscando formas de exercer autonomia em contraposição das políticas de identidade (Ciampa, 2002; Esther, 2014; Paulino-Pereira, 2014), é possível perceber que Nicholas-homem e Nicholas-bissexual passam a se entrelaçar. Nesse funcionamento estão presentes tanto o time de Rugby, quanto Charlie. E é nesse entrelaçamento, nesse movimento entre mesmice e mesmidade que Nicholas, em meio a uma discussão com seus colegas de time, que “expulsaram” Charlie através de inúmeros xingamentos e comentários homofóbicos, dá um soco na cara de Harry e ambos começam a brigar, até serem separados pelos outros jogadores do time (Heartstopper, 2022, T1E07, 08:19)

Essa ação de Nicholas marca a quebra de laços com a equipe de Rugby, principalmente com Harry, e pode-se perceber que, para além de qualquer violência ou agressividade que esse soco possa representar, ele representa a tentativa de Nicholas de

desvincular-se das normas e das predeterminações. É a transformação da realidade em busca de emancipação.

Ésther (2014), ao discutir a perspectiva de Habermas (1983), mostra que a emancipação plena aconteceria com o fim do capitalismo e a substituição desse sistema por outro. Dessa forma, frente a impossibilidade de afirmar a total e completa substituição desse sistema social, político e econômico na futuridade, a autora afirma que nesse sistema, o que se pode experienciar, são fragmentos de emancipação. E acrescenta: “se o indivíduo busca a emancipação em sua relação com a sociedade, a relação com o outro é elemento constitutivo indispensável no processo de construção da identidade, na medida em que o indivíduo precisa do reconhecimento do outro para ver a si mesmo, num processo dialético” (Ésther, 2014 p.6).

É nessa infindável transformação em busca de emancipação que Nicholas desvincula-se, mesmo que não totalmente, daquilo que o pré-determinava, das relações que reforçavam a reprodução de seus papéis hegemônicos e passa a exercer uma mesmidade, a mesmidade de Nicholas-homem, atravessado pelas vivências de Nicholas-bissexual, ambos compondo, mas não inteiramente, a totalidade de Nicholas Nelson.

Considerações finais

A análise da construção da identidade do personagem Nicolas Nelson à medida que o protagonista passa pelo processo de se denominar como homem bissexual em meio a diversas situações e relações sociais que tanto reforçam – quanto negam a ele a possibilidade de emancipação –, possibilita problematizar as políticas de identidade masculinas existentes no sistema vigente.

Ao longo do percurso realizado na pesquisa foi possível perceber a importância de se pensar a bissexualidade como não-monossexualidade a partir da psicologia social crítica, não somente para expandir a abrangência da teoria da identidade, mas

principalmente como forma de dar visibilidade para os sujeitos bissexuais. Esses indivíduos frequentemente têm suas identidades negadas, seja através da violência estrutural que é constantemente reforçada, seja em teorias medicalizantes e psicologizantes que colocam o sujeito na inferioridade e marginalidade de suas próprias vidas.

Estudar a relação de gênero e sexualidade pela teoria da identidade proposta por Ciampa (1987) permite abordar o tema a partir da perspectiva social crítica que foge ao binarismo da sociedade. Acompanhando os fundamentos mobilizados por Jaeger et al. (2019), a pesquisa pontuou o apagamento da bissexualidade e de outras sexualidades “plurais” formuladas e analisadas sob bases essencialistas e fixas das identidades sexuais e de gênero. Nessa direção, contribui com a desvinculação da bissexualidade dos estigmas que a permeiam, evidenciando-a como identidade construída socialmente, e fortalecendo as linhas de pesquisas que compreendem a bissexualidade enquanto movimento, construção e desconstrução. Isto porque compreende-se ser fundamental a busca por possibilidades de processos emancipatórios de identidades que se contraponham a toda violência, apagamento e repressão sofridas por indivíduos que ousam questionar a validade de um sistema social injusto e desigual. Seja na luta constante contra seus dispositivos, seja apenas tentando construir a sua própria maneira de existir, sujeitos bissexuais enfrentam e desafiam normas sociais opressoras.

Ademais, a pesquisa buscou apontar para a necessidade de uma prática comprometida com a transformação social, que atue de forma ativa na desconstrução de preconceitos e estigmas associados à bissexualidade e outras identidades marginalizadas. A psicologia social crítica oferece ferramentas valiosas para essa empreitada, promovendo uma compreensão mais ampla e inclusiva das diversas formas de ser e estar no mundo.

Conclui-se, portanto, que a visibilidade e a aceitação das identidades bissexuais não são apenas uma questão de reconhecimento individual, mas também uma luta

coletiva contra as estruturas opressivas que limitam a liberdade e a diversidade humanas.

Referências

- ALBERTO, Joana Almostrer. Bissexualidade(s): crenças e opiniões. Orientadora: Madalena Melo. 2018. Dissertação (Mestrado). Psicologia da Educação, Departamento de Psicologia, Universidade de Évora, 2018.
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CAVALCANTI, Camila D. Visíveis e invisíveis: práticas e identidade bissexual. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2007.
- CAVALCANTI, C.; POSTAL, R. Sexualidades desviantes: a bissexualidade em um milhão de finais felizes. **Litterata**. Ilhéus. vol. 10/2. jul.-dez.2020. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/2721/2122>
- CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a História da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1987/2005.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia Tatiana M.; CODO, Wanderley. **Psicologia Social: O Homem em Movimento**. 8º Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.58-75
- CIAMPA, Antonio da Costa. Políticas de identidade e identidades políticas. In: Dunker, C. I. L. & Passos, M. C. **Uma psicologia que se interroga** - ensaios – São Paulo. Edicon: 2002. p. 133-144.
- CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estud. Fem.** No. 21. A. 01. Abr. 2013.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Resolução n.º 10/05, 2005.
- DANTAS, Sérgio. Identidade política e projetos de vida: uma contribuição à teoria de Ciampa. [Dossiê]. **Psicologia e Sociedade**, 29. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i172030>
- DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, Shay. Um Breve Ensaio Sobre A Masculinidade Hegemônica. **Revista Diversidade e Educação**, v.7 , n.2 , 2019, p.276-291.
- CALMON, Diego. Bissexualidade e ambiguidade: relações metafóricas e processos metonímicos em produções discursivas sobre a bissexualidade. *Caderno Pagu* (68). Set, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202300680010>

ÉSTHER, Angelo Brigato. Síntese da identidade na perspectiva da psicologia social crítica. Núcleo De Estudos e Pesquisas em Identidade Metamorfose – NEPIM- PUC/SP, 2014. p.1-7 (texto não publicado).

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, tradução de Mathias Lambert, 1980.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

JAEGER, Melissa Bittencourt. et al. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. Salvador. **Periódicus**: Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades, n.11, v. 2. 2019. p. 1-16

LIMA, Aluísio Ferreira de. Para uma reconstrução dos conceitos de massa e identidade. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 7, n. 14, dez. 2007. p. 1-23

MAIA, Gustavo Favini M. O papel da bissexualidade na construção da identidade masculina. VI Simpósio: Gênero e Políticas Públicas [Online], Londrina, 2020. p. 621-642

MINAYO, Maria Cecília S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

PAULINO-PEREIRA, Fernando César. Ampliando a discussão sobre a teoria da identidade e emancipação humana. In: PAULINO-PEREIRA, Fernando César. **Psicologia Social e Identidade Humana**: a militância social como luta emancipatória. Jundiaí: Paco Editorial, 2014. p. 49-69.

SANTOS, Cinthya G.C.O. dos; AVITAL, Natasha; BERNARDES, Santiago de Paica; FERREIRA, Wesley T. R. Da invisibilidade ao reconhecimento: experiência de roda de conversa e validação da bissexualidade em São Paulo. **BIS. Diversidade Sexual e de Gênero**, 77. Vol. 19, n. 2. Dez, 2018. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/bis/article/view/34594/33170>

SILVA, P. E. F. da; CASADO ALVES, M. da P.; SOUZA, M. S. de .; OLIVEIRA, W. B. dos S. A jornada da descoberta de si: uma análise dialógica da representação da identidade bissexual na webtoon heartstopper. *Diálogo das Letras*, [S. l.], v. 13, p. e02404, 2024. DOI: 10.22297/2316-17952024v13e02404.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42

ZANELLA, Andréa Vieira, Reis, Alice Casanova, Titon, Andréia Piana, Urnau, Lílian Caroline, & Dassoler, Tais Rodrigues. Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia. **Psicologia & Sociedade**, 19(2), 25-33, 2007.

Obra audiovisual:

HEARTSTOPPER, Direção: Euros Lyn. Produção: Zoranna Piggott. Reino Unido: Netflix, 2022.

Setting the record bi: analysis of the construction of nicholas nelson's bisexual identity

Abstract: The text aims to present, through analysis of the construction of the identity of a character from the TV series Heartstopper, ways of understanding bisexuality constructed in a cisgender man. Stemming from qualitatively oriented research, it addresses the themes of masculinity and bisexuality by analyzing the life story of the fictional character Nicholas Nelson as a means of understanding the construction of bisexual identity amidst the conflicts experienced by the character. Methodologically, the analysis of life history was carried out based on the theoretical and analytical propositions of Ciampa (1987/2005), grounded in the perspectives on identity from Critical Social Psychology, which mobilizes Historical-Dialectical Materialism as a research methodology, allowing us to understand identity as a historically and materially constructed movement. As a result, the analytical work contributes to the understanding that bisexuality assigns a non-social place to the cisgender man. Furthermore, it points to the importance of understanding sexuality from psychology, particularly in analyzing and studying sexuality as a movement, as construction, in contrast to the static understanding of sexuality as intrinsic to the human being.

Key words: Social Psychology; Bisexuality; Masculinity; Identity; Sexuality

Recebido: 06/06/2024

Aceito: 18/07/2024